Mais protestos contra o pacote

Funarte e Fundacen querem impedir a inviabilização de projetos importantes

Aos gritos de "Empreguismo não, trabalho sim" e "Viva a cultura brasileira" funcionários da Fundação Nacional de Arte e Fundação Nacional de Artes Cênicas, ambas instituições ligadas ao Ministério da Cultura, estarão reunidos no próximo dia 13, segunda-feira, na Cinelândia do Rio de Janeiro para manifestarem o repúdio ao pacote do Governo, que prevê a demissão maciça de servidores públicos.

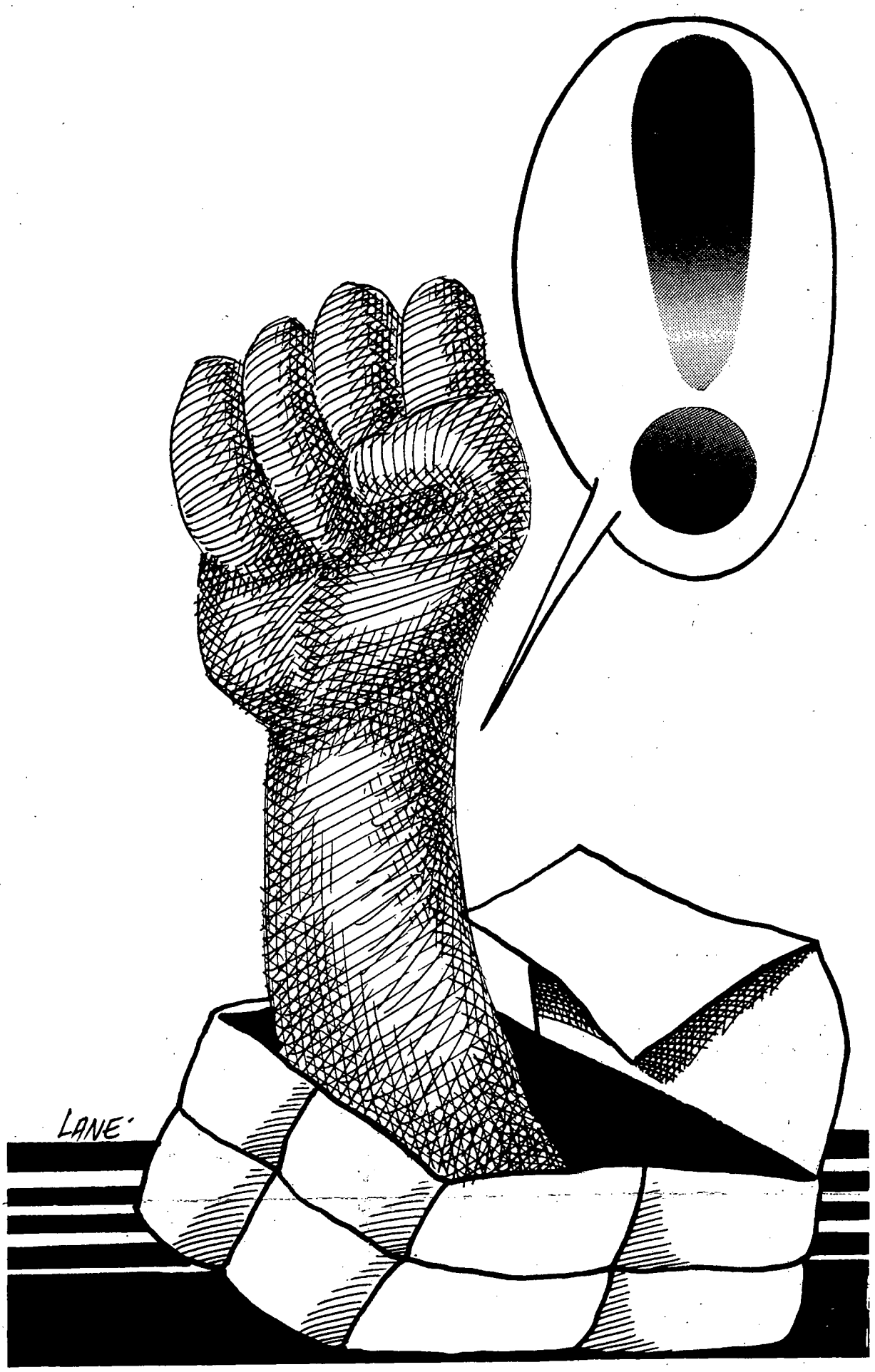
O ato público terá início às 17h00 e contará com apoio de relevantes nomes ligados as atividades artístico-culturais no País. O protesto é contra os critérios adotados pela medida provisória do "Pacote de Verão" quanto a seleção dos futuros desempregados, que poderá paralisar inúmeros projetos consolidados ao longo dos anos.

A Funarte, por exemplo, está assustada com a possível inviabilidade de suas principais realizações, que já fazem parte do calendário cultural brasileiro, e contribuindo para a projeção de novos talentos nas áreas de música, artes plásticas, literatura, fotografia, artes gráficas, entre outros. Entre estes estão o Projeto Pixinguinha, os cursos livres do Núcleo de Estudos e Pesquisas (responsável pelos cursos **Paixão** e **Olhar**, transformados em livros), Projeto Macunaíma, Salão Nacional de Artes Plásticas, 8ª Bienal de Música Brasileira Contemporânea, Programa Nacional de Preservação e Pesquisa de Fotografia e muito mais.

O idealizador do Projeto Pixinguinha, que há mais de dez anos vem reunindo no mesmo palco novos e consagrados talentos da MPB, também está indignado. Hermínio Bello de Carvalho, diretor do Núcleo de MPB do Instituto Nacional de Música, um dos braços da Funarte, afirma que é realmente necessário acabar com a ociosidade e o inchaço da máquina administrativa, mas de outra forma. "Não somos contrários as decisões de limpar o quadro funcional, só não concordamos com a maneira que está sendo prevista: serão demitidos os funcionários-fantasmas, os marajás, os parentes próximos dos dirigentes, com vários anos de mordomia, ou os verdadeiros trabalhadores que contam pouco tempo de serviço?" — pergunta Hermínio. Mesmo assim, ele acredita que o bom-senso prevalecerá, para o bem geral da Nação.

O panfleto de convocação ao ato público da Funarte vai mais longe no seu julgamento à medida nº 33. "Esse novo pacote governamental é pura nuvem de fumaça. Ordena, sem nenhum critério, um corte de funcionários sem fazer uma prévia avaliação deste corte. A Cultura, as ciências, a tecnologia, os programas de saúde (da Aids, por exemplo) vão perder uma parte de sua mão-de-obra mais especializada exatamente por falta de critérios". Na última década, a Funarte evoluiu seu quadro de 367 para 420 funcionários, um acréscimo de 14,4% em seu corpo operacional.

Também foram criados os institutos de Fotografia e de Artes Gráficas. A guilhotina do Sarney pretende cortar as cabeças de 25% do total da força de trabalho da Funarte, segundo dados da própria entidade, atingindo 102 funcionários — "ficando a instituição com menos servidores do que há uma década, quando a amplitude de suas ações eram bem mais restritas... o corte vertical penaliza a sociedade em seu conjunto. Os produtores culturais perdem espaços legítimos, espaços profissionais e espaços políticos" — constata o documento do Instituto Nacional de Artes gráficas/Funarte, que conta com apenas cinco técnicos e quatro funcionários administrativos. Com as demissões, ficará reduzida a três técnicos e um administrativo, ou melhor, ficará a quase zero.



A INDIGNAÇÃO DOS ARTISTAS

Muitos artistas dos mais diversos segmentos também se mostram indignados com as decisões do Governo, que atinge em cheio a área cultural. Um calo no pé do presidente José Sarney, um homem de cadeira marcada na Academia Brasileira de Letras, que precisa ser extirpado rapidamente, pois ficará muito mal desprestigiar a própria categoria, que pertence. Eis alguns depoimentos:

Dona Yvone Lara, sambista — "Estarrecidos, estamos sabendo da ameaça que paira sobre um dos espaços culturais alternativos mais importantes do Rio de Janeiro: a Sala Funarte Sidney Miller. Acho justo que se acabe com o empreguismo, com o nepotismo, com os cabides de emprego. Mas mexer com quem produz projetos e eventos tão bonitos, considero que é dar uma navalhada em nossa cultura".

Sivuca, músico — "Acho que, para qualquer artista, é um privilégio trabalhar com o Projeto Pixinguinha, que nos permite alcançar todos os públicos de todos os estados brasileiros, coisa que o empresariado nem sempre pode realizar, até por falta de infra-estrutura. Saber que esse corte no funcionalismo pode também atingir a cultura e o projeto, fico lastimando que as boas coisas do Brasil acabem tendo um fim tão melancólico".

Marlene, cantora e atriz — "Constato com enorme tristeza que o aviltamento cada vez maior de nossa cultura corre paralelo ao crescente desrespeito aos artistas que doaram parte de suas vidas suando e despejando sangue e lágrimas pelos palcos onde deixaram as digitais de sua missão. Eu me sinto literalmente cassada... acho que, se a cultura brasileira no seu muito mal, ela ficará ainda pior se fecharem espaços que são a alternativa para um público que ainda venera aquilo que, para os outros, talvez pareça um lixo cultural".

Raul de Barros, músico — "A cultura anda tão por baixo nesta terra, que tudo é possível acontecer, até acabarem com o Pixinguinha. Afundaram o projeto tal e qual afundaram com o **Bateau Mouche**. Dê pêsames à MPB". **(Elisa Mattos)**